



A fotografia de imprensa e o desenvolvimento industrial em Juiz de Fora (1870 – 1940)¹

Jorge Carlos Felz²
Estácio de Sá de Juiz de Fora (MG)

Resumo

Este trabalho procura resgatar a história da fotografia de imprensa na cidade de Juiz de Fora a partir da década de 1870. Este período é importante na medida em que vemos surgir neste período diversos jornais que irão durar até o fim da década de 1940. Além disso, alguns destes jornais vão, por volta de 1890, começar a utilizar imagens fotográficas impressas por fototipia em suas páginas. Nosso objeto ou universo de estudo restringir-se-á a estes jornais, publicados regularmente entre 1870 e 1939 na cidade de Juiz de Fora. Esse estudo pretende ainda resgatar as relações desses jornais com as estruturas políticas e culturais da época e a contribuição das imagens fotográficas para a construção do imaginário urbano.

Palavras-chave

Jornalismo; História da Imprensa; Fotografia; Fotojornalismo Brasileiro.

Introdução

Apesar de hoje considerarmos a fotografia como um elemento fundamental da imprensa, isso nem sempre aconteceu. Quando a fotografia surgiu, no final da década de 1830, os jornais já existiam em bom número, tanto na Europa como nas Américas. Entretanto, por razões tecnológicas, foram necessários mais de 30 anos para ser possível o aproveitamento de fotografias na imprensa. A introdução da fotografia na imprensa a partir de 1880, com o emprego de uma nova técnica de impressão, é um momento importante para a forma de se ver o mundo.

Se até então, o cidadão comum apenas podia visualizar fenômenos que ocorriam perto dele, com a utilização de imagens fotográficas pela imprensa, o mundo tornou-se próximo, pequeno aos olhos da massa. “A fotografia inaugura os *mass media* visuais quando o retrato individual é substituído pelo retrato coletivo” (FREUND, 1994, p. 107)³. Para Freund a fotografia torna-se também um poderoso meio de propaganda e de manipulação.

¹ Trabalho apresentado para o NP Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jornalista profissional e fotógrafo, tendo trabalhado em jornais do Esp. E de S. Paulo. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de S. Paulo (Umesp), professor de fotografia e webjornalismo desde 1994. É professor e coordenador do curso de Comunicação Social da Estácio de Sá de Juiz de Fora (MG).

³ FREUND, Gisele. A fotografia social Lisboa: Vega, 1994. P 107.

Embora a fotografia tenha sido encarada por muito tempo como unicamente o registro visual da verdade, com o passar do tempo e a rotinização do ofício e a profissionalização da atividade de fotógrafo, “(...) de um reino de verdade, passou-se ao reinado do credível (...) pois já no final do século XIX, manipulavam-se as imagens em função de objetivos que em nada tinham a ver com a verdade, mas, de fato, unicamente com o credível” (SOUSA, 2000, p. 10)⁴. Porém, será nesse ambiente que a fotografia documental, origem do moderno fotojornalismo, surgirá como resultado da criação original do fotógrafo, carregando, em si, a possibilidade de transformação social.

Estas imagens fotográficas por um bom tempo, marcaram presença através da mediação das mãos dos artistas e artesãos gravadores. Cabia a eles a transposição do original fotográfico para a matriz de metal ou pedra. Para além do recorte subjetivo, fruto do olhar do fotógrafo, inevitavelmente as imagens eram reprocessadas.

Mais no fim do século XIX, estes problemas de ordem tecnológica já estavam superados com o emprego de novos processos de impressão fotomecânica capazes de transpor a imagem fotográfica para as matrizes de impressão por um método direto, também fotográfico. Será uma revolução no uso e destino das fotografias. A impressão dos textos, junto com as imagens fotográficas estava assim assegurada e dá à fotografia mais espaço em termos de credibilidade na imprensa. Surgem periódicos que vão explora-la, dando destaque e prioridade em relação ao texto.

No Brasil, o emprego de fotografias pela imprensa inicia-se muitos anos depois dos grandes centros. Isso ocorre muito em virtude das condições sociais e econômicas de grande parte da sociedade brasileira do século XIX.

Mas nem por isso poderemos afirmar que o uso da fotografia será restringir-se às grandes cidade brasileiras. Já na década de 1870 vemos o surgimento de importantes jornais em cidade do interior do Brasil, como é o caso específico de Juiz de Fora e que, por volta de 1890, começam a utilizar imagens fotográficas impressas por fototipia em suas páginas.

Nosso objeto ou universo de estudo restringir-se-á a estes jornais, publicados regularmente entre 1870 e 1940 na cidade de Juiz de Fora, cujas relações com as estruturas políticas e culturais da época contribuiram para a construção do imaginário urbano.

⁴SOUSA, Jorge Pedro. Uma história crítica do fotojornalismo ocidental. Chapecó (SC): Grifos, 2000. P 10.

Imprensa em Juiz de Fora

Elevada à cidade em 1850, Juiz de Fora está no entroncamento de inúmeras rotas comerciais que cruzam a região, de leste para o oeste e do norte em direção ao sul, e acabou se transformando num entreposto comercial de grande parte do café da Zona da Mata Mineira, acumulando capital posteriormente investido na indústria, no comércio e infra-estrutura urbana, necessários a sua própria reprodução.

A primeira usina hidroelétrica da América Latina, a Usina Marmelos, é inaugurada em 1889 como parte do projeto industrial de Bernardo Mascarenhas. Criada para atender a demanda das fábricas de tecidos, a usina fornecia o excedente às residências e para a iluminação pública.

Os primeiros jornais começam a ser impressos em Juiz de Fora por volta da década de 1870, pouco mais de 20 anos depois do povoado ser elevado à categoria de cidade. Até então, circulavam pela cidade jornais enviados ou da Côrte (Rio de Janeiro) ou da antiga capital da província, Ouro Preto (antiga Vila Rica). Antigo entreposto de tropeiros, lugar de passagem, que, a partir dos anos setenta do século XIX, começou a publicar seus primeiros impressos.

Há muitas divergências quanto ao primeiro jornal a circular em Juiz de fora, apesar de muitos considerarem *O Constituinte* que, provavelmente, circulou no primeiro semestre de 1870, o primeiro jornal da cidade, existe no Arquivo Histórico Municipal, um exemplar de *O Pharol*, que foi encontrado em outubro de 2004, anexado a um processo criminal de roubo de escravos e difamação, datado de janeiro de 1870 e já impresso em Juiz de Fora.

O Pharol, tinha sido fundado em Paraíba do Sul, por Thomaz Cameron. Em 1873, já era propriedade de Leopoldo Augusto de Miranda, com Georges Charles Dupin, na chefia de redação. O francês foi o introdutor do vapor como força motriz para máquinas de impressão, em Minas Gerais, e também foi proprietário do impresso, que teve outros vários donos e várias orientações políticas, durante sua longa existência, até o ano de 1939. *O Pharol* começou como semanário e passou a diário em 1885. Foi o mais importante periódico desse período, sendo, até hoje, uma fonte indispensável de pesquisa para aqueles que desejam reconstituir esta fase da história.

Importante ressaltar que o surgimento destes jornais dá-se numa Juiz de Fora, que era próxima à antiga “Côrte”, em oposição ao “sertão afóra”, aonde ficava a velha capital Vila Rica, e que, no início do século XX, se mostrava moderna, febril e

simbolizava, o desejo daqueles que se aglomeraram no centro urbano e se deleitam com a idéia do futuro promissor.

No início da década de 1920, com uma população de 118.166 habitantes⁵, existiam em Juiz de Fora seis jornais diários: os matutinos *O Pharol*, *Correio de Minas*, *Jornal do Commercio* e *O Dia* e os vespertinos *A Tarde* e o *Diário Mercantil*.

Caminho interessante teve o jornal mantido pelos padres da Congregação do Verbo Divino. O *Lar Católico* era um jornal semanal que, muitos anos mais tarde, em 1966, conseguirá a façanha de ser o jornal de maior circulação no estado de Minas Gerais⁶.

Era tão grande a circulação de jornais e revistas na cidade no início do século XX que Juiz de Fora é vista por muitos como a capital intelectual de Minas. Paulino de Oliveira⁷ lembra que, durante a década de 1920, “enquanto na Capital do Estado havia apenas três jornais diários, aqui, se editavam sete, nenhum deles inferior aos de lá”⁸.

Será neste ambiente, centro da produção jornalística mineira que será criada, em 1921, a Associação da Imprensa de Minas Gerais em oposição à recém-criada Sociedade Mineira de Imprensa, com sede em Belo Horizonte. Será ainda em Juiz de Fora que surgirá o primeiro sindicato de jornalistas de Minas Gerais.

Entretanto, com a chegada dos anos de 1940 e a crescente redução da produção cafeeira e diminuição dos investimentos na indústria local, veremos a maioria dos jornais entrar em declínio. O aparecimento dos jornais ocorre no auge da produção cafeeira e início da industrialização e o fim da maioria dos jornais corresponde ao declínio econômico a partir de 1940.

⁵ Este dado referente à população de Juiz de Fora (1920) foi publicado no jornal *Tribuna de Minas*, em edição de 1 set.2004, com base em informações do IBGE.

⁶ OLIVEIRA, Paulino. A imprensa em Juiz de Fora antes de 1930. *Revista do IHG de JF*, Juiz de Fora, ano 2, n.2, p.24,1966.

⁷ *Ibid.*, p.24.

⁸ A efervescência intelectual e um certo ar cosmopolita renderam muitos títulos à cidade: “Artur Azevedo batizou-a como ‘Atenas’, Coelho Neto chamou-a ‘Princesa de Minas’ e Rui Barbosa crismou-a como ‘Barcelona’”. Outros apelidaram-na ‘Princesa da Mata’ e ‘Princesa do Paraibuna’, mas muito antes, alguém a aclamara ‘Manchester’. Se perdeu todos aqueles títulos, em benefício de Belo Horizonte, conserva este de pleno direito. Parece-me que foi Mr. Morrit, fundador da primitiva Fábrica dos Ingleses [como ficou conhecida a Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, que foi criada por uma associação de ingleses, em Juiz de Fora, durante o século XIX] e a quem Richard Burton [fotógrafo e escritor inglês que percorreu a estrada União Indústria, no século XIX, e escreveu um livro com seus comentários] se refere como tendo guiado ‘a última mala postal para Manchester em 1841’, que lhe deu esse título. E não lhe deu por ser a cidade mais industrial do Estado, mas em recordação do nome de sua cidade natal e na suposição, confirmada depois, de que nela se concentraria o grosso da indústria têxtil em Minas. Por isto é que ele permanece” (*ibid.*, p. 24).

A fotografia de imprensa nos jornais locais

Quanto ao uso da fotografia pelos jornais podemos perceber que, enquanto a maioria dos jornais brasileiros, especialmente aqueles produzidos fora das grandes cidades do final do século XIX, ainda não apresentam imagens fotográficas ou ilustrações feitas a partir destas, nos jornais juizforanos já é possível vermos litografias feitas a partir de imagens fotográficas desde 1882 e, a partir de 1890, temos as primeiras imagens fotográficas impressas pelo processo de autotipia. O emprego dessas imagens tão precocemente pode ser explicado pela existência de oficinas gráficas modernas e por uma estrutura política e cultural complexa.

As primeiras fotografia obtidas em solo brasileiro datam de 1840, cinco meses após a divulgação oficial de sua invenção⁹. Em Juiz de Fora a fotografia chegou cedo pelas mãos da família de Mariano Procópio Ferreira Lage (1821-1872).

Mariano e seus filhos Frederico (1862-1901) e Alfredo Ferreira Lage (1865-1944) dedicaram-se cedo à fotografia. Em 1840, Mariano Procópio, quando de sua viagem de estudos à Europa, conheceu pessoalmente Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), responsável, um ano antes, pelo desenvolvimento do processo fotográfico conhecido como daguerreotipia. Seu cunhado, Constantino Machado Coelho foi considerado pelo naturalista americano, Luiz Agassiz, quando de sua passagem pela região, como excelente fotógrafo. Alfredo Ferreira Lage chegou a ser presidente do *photo-club* do Rio de Janeiro, participando da primeira exposição em 1904¹⁰.

A rodovia União e Indústria (1861) e a Estrada de Ferro Pedro II (1870), obras nas quais Mariano Procópio esteve diretamente envolvido, trouxeram à região dois grandes fotógrafos estabelecidos no Rio de Janeiro: Revert Henrique Klumb e José Ferreira Guimarães.

Klumb publicou em 1872 o primeiro guia rodoviário do Brasil, “Doze horas em diligência – guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora”, álbum ilustrado com fotografias. Guimarães foi encarregado de fotografar os edifícios pertencentes à Estrada de Ferro Pedro II que fizeram parte de uma exposição sobre estradas de ferro em Paris.

A estradas que levavam o café, traziam artigos importados, máquinas, os imigrantes alemães, portugueses, libaneses e italianos... e os fotógrafos. Segundo

⁹ Ver: KOSSOY, Bóris. **Origem e expansão da fotografia no Brasil, século XIX**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1980. E FERREZ, Gilberto. **A fotografia no Brasil 1840 –1900**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1985.

¹⁰ CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A fotografia através dos anúncios de jornais**. In LOCUS – Revista de História. volume 6, número 01. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional, UFJF, 2000. Pp 127 –146.

CHRISTO (2000,p. 128)¹¹, “a proximidade com o Rio de Janeiro favorecia o dinamismo cultural da cidade, atestado pelo número de jornais, teatros, escolas e instituições culturais, distanciando-a da mineiridade”.

É nesse contexto de concentração de renda e desenvolvimento urbano-industrial e presença de imigrantes que surgem os primeiros jornais impressos na cidade. Será de *O Pharol* a primeira oficina litográfica de toda a província de Minas Gerais e capaz de abastecer as páginas do jornal com ilustrações. Também nesse período, surgem inúmeros ateliês fotográficos na cidade.

A princípio os fotógrafos que trabalham ateliês dedicam-se aos retratos, cartões de visita e à produção de vistas panorâmicas da cidade ou de regiões próximas.

Entretanto, quando a fotografia passa a desempenhar um papel importante na ilustração dos jornais locais, a introdução da reportagem fotográfica permite vislumbrar outras imagens, menos glamourizadas da cidade, como as fotografias da grande enchente de 1906, tiradas por Antônio de Lemos e estampadas no jornal *O Pharol*.

Será também no jornal *O Pharol* que primeiro podemos observar a adoção das modernas técnicas de reprodução fotomecânica a partir de 1890. O emprego do processo de fototipia¹² para a reprodução de imagens fotográficas fica claro, por exemplo, no texto abaixo, extraído das páginas de *O Pharol*:

(...) trata-se de uma folha, em que no centro de um belíssimo trabalho de litografia, feito pelo hábil artista, sr. Biancoville¹³, aqui residente, vê-se uma magnífica vista fototípica do prédio em que é estabelecida a Casa da Barateza, vista que, nos parecia desnecessário dizer, foi executada por Ehrhard Brand, a quem deve *O Pharol* verdadeiros sucessos, dando a seus leitores retratos absolutamente parecidos com os originais. (*O Pharol*, 13/11/1890. Arquivo Público de Juiz de Fora).

Percebe-se assim, que os jornais juizforanos desenvolviam-se na mesma rapidez e intensidade que a economia local. Nas primeiras décadas do século XX, estes jornais trazem cada vez mais imagens fotográficas reproduzidas em suas páginas. Se no início essas imagens ainda são produzidas pelos fotógrafos artistas que, além do trabalho em seus ateliês, produzem rotineiramente fotografias para os jornais, a partir de 1920

¹¹ Op. Cit, 2000.

¹² Fototipia: processo de fotogravura em plano, sem retícula, no qual se utiliza como placa impressora uma camada de gelatina bicromada, que se torna capaz de absorver mais ou menos tinta de impressão, segundo os graus diversos de endurecimento que adquirir, correspondentes a maior ou menor quantidade de luz recebida do negativo fotográfico.

¹³ Pietro Angelo Biancoville (? – 1921) era italiano e desembarcou na cidade em 1888, trazendo o conhecimento da litografia adquirido com seu pai e um diploma do governo austríaco com o título de professor em caligrafia. Foi proprietário da primeira casa litográfica do Estado de Minas. Adaptou-se às mudanças, incorporando o registro produzido por fotógrafos como parte de seu trabalho, transformando-o em álbuns e cartões postais litografados. Sua oficina atendia a clientes não apenas do estado mas também do Rio de Janeiro e do Esp. Santo.

veremos a substituição deste trabalho pelas imagens produzidas por fotógrafos técnicos, contratados pelos jornais para cobrirem os acontecimentos da cidade e região.

Com a queda da produção cafeeira e a decadência das indústrias instaladas em Juiz de Fora, o desenvolvimento urbano é refreado e os jornais não conseguem mais acompanhar o que ocorre com a imprensa do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Enquanto nestas cidades os jornais seguem com um processo de evolução tecnológica e modernização de suas técnicas, os jornais juizforanos mais tradicionais perdem sua força e ou fecham ou reduzem drasticamente suas tiragens.

Com tiragens reduzidas, os jornais reduzem de importância e de qualidade. Atualmente, os três jornais existentes na cidade: *Tribuna de Minas*, *Diário Regional* e *Panorama* não alcançam juntos, 10 mil exemplares/ dia¹⁴, isso numa cidade com mais de 500 mil habitantes e um dos mais altos coeficientes de qualidade de vida da região sudeste. Será pela baixa circulação que um destes jornais atuais, o *Panorama*, inaugurado em dezembro de 2003 como um jornal standard, passará por duas grandes reformas editoriais e gráficas em menos de três anos. Em 2005 passa a circular como tablóide e, posteriormente, em 2006 passa a ser distribuído gratuitamente. De certa forma a distribuição permite ampliar sua circulação para tiragens acima dos 20 mil exemplares, mas, ao mesmo tempo, faz com que perca ainda mais a qualidade de seu conteúdo.

Desta forma, é importante estudar como a cidade, nascida no cruzamento de importantes estradas desde os tempos coloniais, e que teve sua história econômica ligada desde o início à agricultura cafeeira e ao primeiro surto industrial brasileiro, no 2º Império, tem um papel pioneiro no desenvolvimento da imprensa brasileira, especialmente no que se refere ao uso da fotografia de imprensa e, como essas imagens – representações da realidade cotidiana – contribuíram para a construção do imaginário urbano de tal forma, que ainda hoje vive-se uma espécie de saudosismo contínuo de um tempo passado em que a cidade florescia no ritmo dos apitos das fábricas e trens, de uma cidade que se autodenominava a “Manchester Mineira”.

Além disso, na tentativa de consolidação do campo do jornalismo, os estudos históricos têm um espaço importante que precisa ser continuamente abastecido de novas pesquisas, especialmente quando nos aproximamos dos 200 anos de imprensa no Brasil. Cabe ainda lembrar da importância de estudos voltados para a história da fotografia, no

¹⁴ UFJF. **Anuário Estatístico de Juiz de Fora**. 15ª edição. Juiz de Fora: Editora da UFJF/ Faculdade de Economia, 2004.

caso deste projeto, mais especificamente para a história do fotojornalismo brasileiro que, atualmente, assim como no resto do mundo, tem passado por intensas transformações tecnológicas e conceituais.

Vivemos hoje uma espécie de transição tecnológica tão importante como foi a mais de 100 anos o surgimento das câmeras com filmes de rolos e a impressão a meio-tom. Assim como a autotipia permitiu ao fotógrafo e ao editor, ter impressa uma imagem livre da intervenção dos artistas gravadores, a fotografia digital inevitavelmente nos empurra na contramão, com imagens tratadas, reduzidas ou ampliadas.

Imagens fotográficas como documentos de uma história

Os estudos sobre a imprensa podem ser divididos em duas grandes fases. Nos estudos historiográficos tradicionais, a imprensa é vista como fonte privilegiada, onde fatos e acontecimentos se traduziam como 'verdades'. Na fase seguinte, com a renovação da historiografia, especialmente a partir dos estudos produzidos pelo grupo da nova história (França), a imprensa para além de fonte – onde surgem os discursos dos protagonistas dos acontecimentos – passa a ser vista como agente de mudanças históricas, que intervém nos processos e episódios.

Em nosso trabalho, o referencial necessário para as discussões teóricas e definições metodológicas situa-se nos estudos sobre a imprensa desenvolvidos por autores ligados à nova história cultural, como DARTON, CHARTIER, BURKE e ROCHE. Quanto à história da imprensa no Brasil, servirão de aporte teórico não apenas os textos clássicos como SODRÉ e RIZZINI, como também as abordagens mais recentes como MELO, MOREL e BARBOSA.

No que tange ao fotojornalismo, embora existam diferentes abordagens e trabalhos, em sua maioria essas visões não são consensuais. Talvez porque a própria história da fotografia e do fotojornalismo seja feita por uma série de tensões e rupturas. Assim, resumidamente, vamos ressaltar alguns trabalhos já desenvolvidos sobre a fotografia e o fotojornalismo na tentativa de compreender melhor como se constroem essas visões de forma a permitir maior compreensão do atual estágio do fotojornalismo.

Alguns pesquisadores analisam a fotografia como resultado do processo evolutivo da tecnologia empregada e da incorporação dos conceitos estéticos à produção das imagens. Dessa forma, o desenvolvimento de equipamentos cada vez mais eficientes e a incorporação dos conceitos estéticos já em voga desde o Renascimento,

produziram fotografias cada vez mais perfeitas o que, de certa forma, levou à idéia da fotografia como espelho da realidade. Os trabalhos de GERNSEIM e GERNSEIM (1966)¹⁵, GERACI (1984)¹⁶ analisam o fotojornalismo como uma espécie de colcha de retalhos, fragmentos que, juntos, levaram a atividade ao atual estado em que hoje se encontra e permitindo refletir sobre os fatos atuais.

No campo oposto, ficam as pesquisas de MITCHELL (1994)¹⁷ e SNYDER (1980)¹⁸. Estes tratam a história da fotografia como uma história ideológica, de movimentos de substituição e imposição de convenções. Outros estudiosos, como NEWHALL (1982)¹⁹ e FREUND (1994)²⁰, procuram visualizar a história da fotografia como parte de um contexto histórico mais amplo, com seus aspectos econômicos e sociais. Freund dá à fotografia e, em especial ao fotojornalismo, um grande destaque como instrumento de mudança social. Ainda destacamos os trabalhos de SONTAG (1986)²¹ e BENJAMIN (2000)²² que discutem a fotografia no contexto da cultura e das ideologias, questionando o valor informativo das imagens e os conceitos estéticos envolvidos.

No Brasil, pesquisadores como MARÇAL DE ANDRADE (2004)²³ já vêm trabalhando no resgate da fotografia de imprensa a anos, na tentativa de conseguir entender como esta chega aos jornais e revistas brasileiros e se estabelece como meio de expressão e de comunicação. Entretanto, há muito ainda por se estudar e conhecer.

Neste sentido as obras de KOSSOY(1999)²⁴ que foca o uso da fotografia como fonte de memória e resgate histórico de cenários, e de SAMAIN (1998)²⁵ – fotografia não tanto com um objeto, uma imagem, mas como uma maneira de ver e pensar o mundo, serão fundamentais para dar sustentação ao projeto .

Para KOSSOY, a reconstituição da memória por meio da fotografia não se esgota na competente análise iconográfica. Esta é só a tarefa inicial, primeira. A

¹⁵ GERNSEIM, Helmut e GERNSEIM, Alison. **História gráfica de la fotografia**. Barcelona: Omega, 1966.

¹⁶ GERACI, Philip C. **Photojournalism: New Images in Visual Communication**. Dubuque: Kendall/Hunt Publishing Company, 1984.

¹⁷ MITCHELL, William J. **The Reconfigured Eye**. Visual Truth in the Post-Photographical Era. Cambridge, Massachusetts. London, England: The MIT Press. 1994.

¹⁸ SNYDER, Joel, **Picturing Vision**, The Language of Images. Chicago: University of Chicago, 1980.

¹⁹ NEWHALL, Beaumont. **The history of photography**. Nova York : Museum of Modern Art, 1986.

²⁰ FREUND, Gisele. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega. 1994.

²¹ SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

²² BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. 5ª edição. São Paulo: Paz e Terra. 2000. Pp 221 – 254.

²³ MARÇAL DE ANDRADE, Joaquim. **História da fotorreportagem no Brasil – A fotografia na Imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

²⁴ KOSSOY, Bóris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia (SP): Ateliê. 1999.

²⁵ SAMAIN, Etienne(org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

reconstituição requer uma sucessão de construções imaginárias. O contexto particular que resultou na materialização da fotografia, a história do momento daqueles personagens que vemos representados, o pensamento embutido em cada um dos fragmentos fotográficos, enfim, será sempre necessário ter a ‘vida do modelo referente’ – sua realidade.

Samain por sua vez, ao situar a fotografia como uma maneira de ser no mundo, como um estado do olhar e do pensamento, permite-nos crer que ao estar diante de imagem fotográfica, estaríamos sim diante de uma ‘imagem mental do mundo’, a construção de uma realidade e de um imaginário cuja impressão sobre o papel será sempre um efeito secundário.

A pesquisa

As imagens fotográficas de outras épocas, se catalogadas, identificadas e analisadas com base em metodologias adequadas, são fontes importantes para a reconstituição histórica de cenários, das memórias de vida individual ou coletiva, permitindo ainda a compreensão de fatos do passado e entendimento dos reflexos deste sobre o presente.

Nossa pesquisa divide-se em duas fases, a primeira de caráter documental, realizada nos arquivos disponíveis: Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora; Arquivo Histórico do Museu Granbery; Biblioteca Municipal Murilo Mendes; Centro de Estudos Murilo Mendes; Arquivo Histórico de Juiz de Fora; Arquivo da Associação Comercial; Instituto Histórico e Geográfico; Museu Mariano Procópio; Museu do Crédito Real; Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly.

A segunda fase será uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de levantar textos, artigos, documentos outros necessários ao aprofundamento teórico e suporte às análises de dados.

O Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora possui uma vasta documentação sobre fatos do contexto brasileiro e regional, conta também com o arquivo cartorário, com processos cívicos desde 1834, o arquivo de Odilon Braga, que participou de vários momentos importantes da história brasileira. Já no Centro Cultural Murilo Mendes, criado em 1993, encontram-se as coleções de artes plásticas e a biblioteca do poeta.

Outros locais de pesquisa merecem destaque, como o Arquivo Histórico de Juiz de Fora que conta com rico acervo documental e, possivelmente, possui um dos mais

diversificados conjuntos de documentos do país. No Museu Mariano Procópio, organizado por Alfredo Ferreira Lage, filho e herdeiro de Mariano Procópio Ferreira Lage, cafeicultor e principal responsável pela construção da Estrada de rodagem União e Indústria, ligando Juiz de Fora a Petrópolis ainda no século XIX, é possível pesquisar em cerca de 15 mil fotografias e uma rica biblioteca de raridades do século XIX e início do século XX.

No Museu do Instituto Metodista Granbery, criado em 1889, existem coleções de jornais da cidade, como a do “Correio da Manhã”, editado entre 1906 e 1909 e cerca de oito mil fotografias. Os jornais também podem localizados na Biblioteca Murilo Mendes (Centro Cultural Bernardo Mascarenhas) que guarda um acervo quase completo de todos os jornais editados em Juiz de Fora a partir de 1870.

Também é possível pesquisar nas coleções particulares disponíveis como as de Domervilly Nóbrega e de Vanderlei Tomaz – que possui entre outras raridades, uma coleção completa da revista Lince, publicada entre 1912 e 1940 e o acervo fotográfico desta revista, com mais de 200 mil fotografias.

Neste momento de nosso trabalho, estamos especificamente trabalhando com o acervo do Arquivo Histórico de Juiz de Fora, onde estamos debruçados sobre cerca de 70 mil negativos que compunham o arquivo fotográfico do *Diário Mercantil*, jornal que pertenceu aos *Diários Associados* e foi fechado pelos administradores da empresa de forma abrupta na década de 1980.

Após a coleta de dados e identificação das imagens e das fontes, segundo critérios já consolidados de catalogação, como o sistema utilizado pelos pesquisadores da Rede Alfredo de Carvalho (Rede Alcar), todo o material digitalizado, para montagem de arquivos digitais em CD-ROM e, posteriormente, analisado a partir de visões distintas, porém não conflitantes.

O sistema de identificação por nós utilizado considera as seguintes categorias de dados: dados gerais, aspectos gráficos, localização, periodicidade, comercialização, aspectos editoriais gerais, aspectos editoriais da primeira página, jornalistas/ fotógrafos. Outras informações relevantes sobre o jornal ou revista também são considerados e anotados.

As imagens e os contextos em que estas se inscrevem serão analisados primeiramente a partir dos Estudos Culturais, entendido aqui como uma prática metodológica e/ou um viés epistemológico cuja vasta área de atuação é a cultura – no



sentido amplo dado pela antropologia, mas restrito ao universo das sociedades industriais contemporâneas e suas interações de poder.

A análise ainda pode lançar mão de outras ferramentas complementares como a Semiótica da Cultura, pois os códigos culturais, podem também ser definidos como sistemas semióticos. Isto é, estruturas de grande complexidade que reconhecem, armazenam e processam informações com um duplo objetivo: regular e controlar as manifestações da vida social, do comportamento individual ou coletivo. Também poderemos lançar mão do arcabouço teórico da Antropologia Visual para dar suporte às análises.

Referências/ bibliografia

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. 5ª edição. São Paulo: Paz e Terra. 2000. Pp 221 – 254.

BABHA, Homi K. **O local da cultura**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CHARTIER, Roger. **Do códex à tela: as trajetórias do escrito**. In A Ordem dos Livros. Brasília: Ed. UNB, 1994.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A fotografia através dos anúncios de jornais**. In LOCUS – Revista de História. volume 6, número 01. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional, UFJF, 2000. Pp 127 – 146.

DARNTON, Robert. **O que é a história dos livros?** In O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: cia das Letras, 1995.

FERREZ, Gilberto. **A fotografia no Brasil 1840 –1900**. Rio de Janeiro: MEC/ FUNARTE, 1985.

FREUND, Gisele. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega. 1994.

GERACI, Philip C. **Photojournalism** New Images in Visual Communication. Dubuque: Kendall/Hunt Publishing Company, 1984.

GERNSHEIM, Helmut e GERNSHEIM, Alison. **História gráfica de la fotografia**. Barcelona: Omega, 1966.

KOSSOY, Bóris. **Origem e expansão da fotografia no Brasil, século XIX**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1980.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia (SP): Ateliê. 1999.

MATTELART A. e NEUVAU, E. **La institucionalización de los estudios de la comunicación**. Barcelona: Telos (49) 1997



MARÇAL DE ANDRADE, Joaquim. **História da fotorreportagem no Brasil** – a fotografia de imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

MITCHELL, William J. **The Reconfigured Eye**. Visual Truth in the Post-Photographical Era. Cambridge, Massachusetts. London, England: The MIT Press. 1994.

NEWHALL, Beaumont. **The history of photography**. Nova York : Museum of Modern Art, 1986.

UFJF. **Anuário Estatístico de Juiz de Fora**. 15^a edição. Juiz de Fora: Editora da UFJF/ Faculdade de Economia, 2004.

SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SNYDER, Joel, **Picturing Vision**, The Language of Images. Chicago: University of Chicago, 1980.

SOLVIK, Liv. Stuart Hall, **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: UNESCO, 2002

SONTAG, Susan. **Ensaios sobre fotografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa, 2^a, Petrópolis: Vozes, 1995;